

53º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia (CBGO)

MEDICINA FETAL É GRANDE ALIADA NAS GESTAÇÕES DE RISCO

Gravidez após os 35 anos tem mais probabilidades de complicações maternas ou fetais; evolução tecnológica possibilita diagnóstico e tratamento ainda no ventre da mãe

Com o acúmulo de funções na vida profissional e pessoal, a mulher contemporânea vem adiando o momento oportuno para se tornar mãe. Ficou evidente, em todo o mundo, o aumento de gestações após os 35 anos. “As mulheres estão postergando a gravidez em prol de reconhecimento profissional e estabilidade financeira. Nesta faixa etária é maior a probabilidade de complicações maternas ou fetais durante as gestações”, afirma o ginecologista, presidente do comitê de Medicina Fetal da Associação de Ginecologistas e Obstetras de Minas Gerais (Sogimig), Marcos Roberto Taveira. Segundo ele, é mais comum ocorrer cesarianas e problemas como diabetes gestacional, hipertensão arterial, hemorragia pós-parto e prematuridade - principal causa de paralisia cerebral e mortalidade pré-natal. Nesse contexto, principalmente, a Medicina Fetal é absolutamente indispensável. Justamente por isso, o assunto teve um lugar de destaque no “53º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia (CMGO)”, que aconteceu pela primeira vez em Belo Horizonte entre os dias 14 e 17 de novembro, no Expominas.

O avanço tecnológico e o estudo de novas técnicas em medicina fetal, principalmente para prevenção em gestações de alto risco, estão ampliando o diagnóstico de doenças e possibilitando tratamentos ainda dentro do ventre da mãe. Nas gestações de mulheres acima dos 35 anos, por exemplo, a incidência das malformações congênitas aumenta em duas vezes e, após os 40 anos, o risco de dar a luz a um feto malformado é cerca de 10 vezes maior. “A probabilidade de ocorrer um aborto também aumenta em proporção direta com a idade materna. Por isso, é fundamental o acompanhamento com um médico especialista em Medicina Fetal”, destaca.

A ciência permite identificar quais fetos apresentam fortes indícios de malformações, bem como determinar as complicações passíveis de tratamento ou a necessidade de cirurgia corretiva no pós-natal imediato. Para Taveira, entretanto, a importância do acompanhamento não está somente no diagnóstico de anomalias genéticas, mas também na prevenção e tratamento de determinadas condições intra-uterinas. “Podemos rastrear um feto com restrições de crescimento

ou tratar uma possível anemia. É possível detectar problemas precocemente, tratá-los e evitar óbitos”, afirma.

Um grande avanço da Medicina Fetal, por exemplo, é a medição da espessura da nuca do feto entre a 11^a e a 13^a semanas de gestação, que vai detectar a probabilidade de o bebê apresentar doenças como Síndrome de Down. Em algumas malformações, já é possível a realização de cirurgias intra-uterinas a partir da 17^a semana de gestação, com riscos mínimos para a mãe ou bebê. Além da idade mais avançada, são consideradas gestações com fatores de risco aquelas cujas mulheres são hipertensas, diabéticas, portadoras de cardiopatias, soropositivas, pacientes com passado de abortos, trombozes, bebês prematuros e fetos nascidos mortos.

Assessoria de Imprensa

Isabella Grossi

(31) 2126-8096/8099 – 8868-4928

isabella.grossi@maisnoticia.com.br

www.maisnoticia.com.br